

Capítulo III - Conclusão

I. Opiniões divergentes sobre a existência ou não de uma arquitectura do Estado Novo

Apesar de não ser do tema deste trabalho, é importante referir as opiniões contraditórias que subsistem sobre a arquitectura produzida neste período e sobre os limites da interferência do poder político em relação à mesma. É mais importante as razões porque é defendida a existência ou não de uma arquitectura de Estado Novo, na medida que está directamente relacionada com os mecanismos, os meios e as opções, implícitos na relação estabelecida entre o regime autoritário português e a arquitectura produzida sobre o seu patrocínio.

Nuno Teotónio Pereira, antigo membro do M.R.A.R., é veemente ao afirmar a existência de uma arquitectura do Estado Novo. Arquitectura que atribui directamente à interferência oficial: *“Através de directrizes discretas, mas seguramente implacáveis, a intervenção do ditador parece ter sido de facto decisiva para o advento da arquitectura do Estado Novo.”*²⁵³ Define como arquitectura do Estado Novo a que foi produzida pela “política de obras públicas” e pela “protecção dada à construção de prédios de rendimento”, constituindo a *“base material”* da *“política de espírito”* (base ideológica) promovida pelo órgão propagandista do Estado o S.P.N.-S.N.I. A arquitectura disseminada pelos *“modelos formais”*, que se mantiveram entre a década de trinta e sessenta, demonstrando, paralelamente, a influência de um *“raciocínio historicista e estático”*, oposto ao modernismo, e aos *“valores”* expressos pelos *“regimes autoritários da época”*, ainda que sem ascendência directa. Contudo, reconhecendo as diferentes expressões da arquitectura realizada sobre a vigência do Estado Novo exclui: a *“fase modernista, nos anos 20 e 30, (...) a que se afirmou na recusa aos modelos impostos, o que ocorreu especialmente no Norte e nas colónias, (...) a que se desenvolveu posteriormente, quando o regime, já abalado nos seus fundamentos, foi abandonando as práticas censórias neste domínio.”*²⁵⁴

Relativamente à adesão dos arquitectos aos modelos tipológicos e directrizes do Estado Novo, segundo Teotónio Pereira, essa situação deve-se à *“crise que atravessava a fase racionalista da arquitectura moderna”*, como consequência do incentivo aos modelos mais académicos por parte dos regimes ditatoriais, à *“superficialidade com que os arquitectos portugueses tinham adoptado a linguagem do Movimento Moderno”*, sem fundamentação teórica e ainda às novas possibilidades de trabalho proporcionadas pela *“política de incremento das obras públicas”*.²⁵⁵ Nuno Teotónio Pereira defende os arquitectos ao referir a influência de uma *“tradição conservadora e elitista, baseada num ensino de carácter académico e desligado de uma formação técnico-artístico actualizada”*,²⁵⁶ atribuindo à imposição de pressões do poder político a impossibilidade de exercerem a sua liberdade criativa. Não especifica a que tipos de pressões foram os arquitectos sujeitos, pois de facto a *“censura à arquitectura implicava a colaboração do arquitecto, quer dizer a sua cumplicidade”*,²⁵⁷ com o risco de ficar de fora

²⁵³ PEREIRA, Nuno Teotónio; (colaboração) FERNANDES, José Manuel; *“A Arquitectura do Estado Novo de 1926 a 1959”* in A.A.V.V.; *“O Estado Novo: das origens ao fim da autarquia: 1929-1959”*; volume 2; Fundação Calouste Gulbenkian; Ed. Fragmentos, Lisboa: 1989; p.325

²⁵⁴ Idem; p.354

²⁵⁵ Idem; ibidem; p.326

²⁵⁶ Idem; ibidem; p.354

²⁵⁷ Idem; ibidem; p.346

da encomenda pública.

De facto, o Estado Novo foi um regime autoritário, que não só se apoiou na propaganda, como criou mecanismos fiscalizadores e controladores sobre a produção literária, exercendo censura tanto na área da informação como na área artística. No entanto a censura exercida na área da arquitectura é difícil de apurar. Nuno Portas, ao falar dos anos quarenta, refere *“a burocracia dos Ministérios prevalece na barragem às inovações de linguagem ou mesmo de programa, defendendo-se pela adopção de projectos-tipo”*, contudo diminui o impacto dessa manipulação ao dizer: *“Tratava-se agora não já de submeter os pioneiros dos anos 30, já bem submissos nesta fase, mas de impedir a emergência de novas personalidades numa época em que os novos podiam começar a mostrar que sabiam por que alternativas lutavam, aqui ou no resto da Europa.”*²⁵⁸

Ao nível das obras públicas existiam directrizes e programas específicos, mas ao nível da arquitectura privada, esse constrangimento passava, segundo José Manuel Pedreirinho, outro defensor de uma arquitectura do Estado Novo,²⁵⁹ pelas Câmaras Municipais, principalmente de Lisboa e do Porto, que *“dispunham então de um considerável poder discriminatório quanto aos projectos que lhes eram submetidos.”*²⁶⁰ Na realidade a maioria das edificações em Lisboa, antes do plano geral de urbanização, não eram projectadas por arquitectos mas por projectistas, e era a vontade do construtor, e não poder municipal que mais intervinha na urbanização da cidade. Essa situação justifica a intervenção de Duarte Pacheco, cujo o intuito principal era recriar a imagem da capital, mas consequentemente permitiu retirar aos particulares a liberdade para urbanizar a cidade e impor uma maior racionalidade nas áreas dos lotes traçados e maior cuidado na projecção das novas edificações. Sobre a existência ou não de uma arquitectura do Estado Novo, Pedro Vieira de Almeida, defende uma posição oposta, afirmando que *“não havia uma arquitectura estruturada que se impusesse unitariamente (...) como arquitectura do Estado Novo”* apenas intervenções pontuais que vincularam *“as encomendas a tipos formais específicos”*.²⁶¹ A falta de coerência nessa suposta arquitectura do Estado Novo, é na sua opinião, evidenciada com o exemplo do Concurso Sagres, nas suas diferentes edições e mais especificamente no texto a *“Representação de 35”*, que o autor aponta como o único momento em que *“se propuseram os arquitectos portugueses produzir uma arquitectura moderna e de global significado nacionalista”*.²⁶²

Baseia a negação de uma arquitectura do Estado Novo, apontando a falta de coesão dentro do Estado Novo, afirmando que *“o Poder não se apresenta coerente, nem estruturado ideologicamente”* e que *“coexistiam no interior do régimen (embora todas limitadas dentro de uma concepção de intervenção «cívica») tendências diversas”*. Refere ainda a ausência de uma personagem qualificada que concretizasse as suas aspirações: *“Salazar, que não se tinha, como Hitler, por um arquitecto falhado por urgências política, não teve a apoiá-lo um Troost ou um Speer da sua confiança, e terá sempre ficado à espera que algum dos arquitectos definisse uma arquitectura de «ritual» aderente a situação.”*²⁶³ À semelhança de Teotónio Pereira não nega a existência de imposições, mas ao contrário dele, que situa aí a sua argumentação,

²⁵⁸ PORTAS, Nuno; *“A evolução da Arquitectura Moderna em Portugal, uma interpretação”*, in ZEVI, Bruno; *“Historia da arquitectura Moderna”*; volume 2; Ed. Arcádia, Lisboa; 1973; p.730-731

²⁵⁹ *“É o que se verifica entre nós depois do final da guerra (...) No domínio da arquitectura, tal facto corresponde formalmente à passagem de uma arquitectura que designamos por fascista àquela que de início designamos por Estado Novo...”* PEDREIRINHO, José Manuel; *“A arquitectura portuguesa do Fascismo ao Estado Novo”*, in *História* n.º 45, de Julho de 1982; p.10

²⁶⁰ PEDREIRINHO, José Manuel; *“A arquitectura portuguesa do Fascismo ao Estado Novo”*, in *História* n.º 48, de Outubro de 1982; p.64

²⁶¹ ALMEIDA, Pedro Vieira de; *“A Arquitectura Moderna em Portugal”*, in *História da Arte em Portugal*, volume 14, Edições Alfa, Lisboa; 1986; p. 142

atribui-lhes um carácter diminuto pela falta de consistência: *“nunca houve uma linha imposta aos arquitectos, mas sim imposições diversas, com diversa orientação, também conforme os diversos departamentos.”*²⁶⁴ Situa a sua actuação através de personagens secundárias e não directamente do centro do poder: *“O pior efeito das ditaduras foi a criação destas personagens secundárias, vazias, que sobrevivem na babugem do poder, poder que outros detêm.”* *“Portugal não poderia aí ser excepção.”*²⁶⁵ Opinião suportada com as palavras de Nuno Portas: *«...tanto quanto nos podemos aperceber não se trata só de uma imposição exterior, mas sim de uma imposição interiorizada pelos os próprios arquitectos melhores, nalguns casos enquanto funcionários ou consultores conscientes de interpretarem um consenso muito mais amplo do que a ideologia do regime».*²⁶⁶

A oposição entre Teotónio Pereira e Vieira de Almeida estende-se ao significado do I Congresso Nacional de Arquitectura, em 1948. Enquanto que o primeiro vê este momento como o marco de *“viragem na reconquista da liberdade de expressão dos arquitectos”*, em que *“os mais antigos faziam autocrítica”* e *“os mais jovens rebelavam-se contra todo o tipo de intenções à livre expressão das suas ideias”*.²⁶⁷ Pedro Vieira de Almeida, por seu lado, apesar de reconhecer no Congresso de 48 o estabelecimento de *“uma linha de ruptura com o poder”*, não é contudo, segundo o autor, *“muito definitiva”* ou *“muito estruturada”*.²⁶⁸ Em relação à autocrítica realizada pelos arquitectos Pardal Monteiro e Cottinelli Telmo, colaboradores nas mais importantes obras do Estado, deveria dar a entender *“que não havia de todo uma arquitectura do Estado Novo imposta unitariamente.”*²⁶⁹ De realçar que a participação destes arquitectos não impediu a sua posterior participação em obras públicas, especificamente de Pardal Monteiro, com a reencomenda, em 1952, para terminar os edifícios da Cidade Universitária de Lisboa (Faculdade de Direito, Faculdade de Letras e Reitoria), projectos iniciados em 1938.

Pedro Vieira de Almeida fundamenta essa ausência de uniformidade de imposição, referindo obras como a Praça do Areeiro e os prédios urbanos da Av. Sidónio Pais e Av. António Augusto de Aguiar, argumentando que a definição do *“estilo oficial”*, daí entendido, não *“resultam de imposições do Estado aos arquitectos”*,²⁷⁰ é mais uma consequência das próprias opções de Cristino da Silva, confirmadas no projecto da sua própria casa, na Av. Álvares Cabral, prémio Valmor de 1944. Cita ainda os exemplos da participação portuguesa em exposições internacionais, durante as primeiras décadas do Estado Novo, onde a discrepância de opções obriga a concluir que: *“Representado no exterior através de uma assumida diversidade de expressões, o Estado não define um estilo que privilegiadamente o signifique.”* Sublinhando também que *“esta des-orientação está também presente a nível interno.”*²⁷¹

A multiplicidade de expressões formais presentes na arquitectura produzida sob o abalo do Estado Novo, não insurge em contradição com a defesa de Teotónio Pereira de uma arquitectura do Estado Novo, mas apenas motiva uma organização tipológica segundo programas. Tipificação formal, já mencionada anteriormente, que passa desde as obras privadas, aos diferentes equipamentos e ainda em relação às obras representativas onde aponta que: *“coexistiram dois modelos-chaves no vocabulário utilizado. Para as comemorações, paradas e*

²⁶² ALMEIDA Pedro Vieira de; “Arquitectura e Poder” in A.A.V.V.; *“Arquitectura do século XX: Portugal”*; Organização Annette Becker, Ana Tostões, Wilfried Wang; Prestel; Portugal-Frankfurt 97, Lisboa; 1997; p.95

²⁶³ Idem; p. 95

²⁶⁴ Idem; Ibidem; p. 95

²⁶⁵ ALMEIDA, Pedro Vieira de; *“A Arquitectura do Estado Novo”*, Livros Horizonte, Lisboa; 2002; p. 172

²⁶⁶ PORTAS, Nuno; “Arquitectura e urbanística na década de 40”, in AA.VV. “Os anos 40 na Arte Portuguesa”, volume 6, Catalogo da Exposição, Fundação Calouste Gulbenkian; Lisboa; 1982; p.40 in CALDAS, João Vieira; *“Porfirio Pardal Monteiro: Arquitecto”*; A.A.P.- Secção Regional do Sul; Lisboa; 1997; p. 75

exposições do regime, uma cenografia claramente fascizante, de colunas imponentes; para as evocações e reconstituições históricas, o cenário salazarista do país-aldeia (...). Na Exposição do Mundo Português foram estas as duas vias sabiamente combinadas, de acordo com os espaços a enquadrar." ²⁷²

A confirmação da existência ou não de uma arquitectura do Estado Novo, obrigaria, na minha opinião, a uma asserção incontestável das imposições exercidas sobre os arquitectos e sobre o seu grau de alcance, e essa determinação não é clara nem objectiva, na medida em que os arquitectos não foram expressamente descrimados pelas suas opiniões ideológicas (quando elas existiam), nem todas as obras de regime apresentaram seguir uma única via estrutural e formal. Na própria carreira dos arquitectos, que exerceram neste período, é patente uma variação e experimentação arquitectónica, independentemente da origem da obra. Contudo, o carácter autoritário do Estado Novo, o contexto internacional, o ênfase propagandista de determinados valores e o facto do Governo vir a representar uma substancial oportunidade de trabalho, influi de facto na concepção e sobretudo na expressão plástica da arquitectura. De facto, os arquitectos nunca deixaram de recorrer à decoração, mesmo com a introdução do Movimento Moderno, o que vem responder convenientemente às intenções políticas.

²⁶⁷ PEREIRA, Nuno Teotónio; "A Arquitectura de Regime, 1938-1948" in A.A.V.V.; *"Arquitectura do século XX: Portugal"*; Organização Annette Becker, Ana Tostões, Wilfried Wang; Prestel; Portugal-Frankfurt 97, Lisboa ; 1997; p. 38

²⁶⁸ ALMEIDA, Pedro Vieira de; *"A Arquitectura Moderna em Portugal"*, in História da Arte em Portugal, volume 14, Edições Alfa, Lisboa; 1986; p. 142

²⁶⁹ ALMEIDA, Pedro Vieira de; *"A Arquitectura do Estado Novo"*, Livros Horizonte, Lisboa; 2002; p. 172

²⁷⁰ ALMEIDA, Pedro Vieira de; "Arquitectura e Poder" in A.A.V.V.; *"Arquitectura do século XX: Portugal"*; Organização Annette Becker, Ana Tostões, Wilfried Wang; Prestel; Portugal-Frankfurt 97, Lisboa ; 1997; p.96

²⁷¹ Idem; p.97

²⁷² PEREIRA, Nuno Teotónio; (colaboração) FERNANDES, José Manuel; *"A Arquitectura do Estado Novo de 1926 a 1959"* in A.A.V.V.; *"O Estado Novo: das origens ao fim da autarcia: 1929-1959"*; volume 2; Fundação Calouste Gulbenkian; Ed. Fragmentos, Lisboa; 1989; p.333

II. Arquitectura como Instrumento na Construção de uma Imagem do Estado Novo

A expressão formal das obras patrocinadas por iniciativas públicas ou privadas foi sempre uma parte importante na aceitação das mesmas. A arquitectura como prestação de um serviço é sempre condicionada pela opinião, muitas vezes pouco esclarecida e com base na habituação do conhecido, da entidade promotora. Cabe ao arquitecto a difícil tarefa de satisfazer as necessidades e os objectivos do cliente, articulando-a com a sua própria visão e consciência profissional. A incipiente formulação das intenções a serem cumpridas numa determinada obra, para além do programa base, implica uma intuição do que mais irá preencher o querer promotor.

Na relação estabelecida entre os arquitectos e o regime político do Estado Novo, o processo de concepção projectual é marcado pela intuição e exigência de valores ideológicos. Um regime autoritário, inerentemente controlador, manipulador e propagandista, encontra nas artes e na arquitectura mecanismos para estabelecer e divulgar os seus princípios de validação. A história nacional, as noções de família e de tradição e o sentido de estabilidade e de ordem são conceitos associados à construção de uma mistificação governamental, que não deixaria de ter reflexos em todas as obras instituídas com o seu apoio.

O modo como essas noções foram veiculados e estiveram presentes na arquitectura, encontra-se ligado à acção de Duarte Pacheco e de António Ferro, o primeiro como elo entre o Estado Novo e alguns arquitectos, através da legislação urbana e implementação de obras, e o segundo como orquestrador de uma operação de incentivo cultural conduzido pelo Regime, denominado de "política de espírito". Personagens presentes, desde que são lançados os alicerces governamentais de Oliveira Salazar até ao final dos tempos conturbados da 2ª Grande Guerra, abrangendo não só o período mais produtivo ao nível de obras públicas mas onde é perceptível um maior investimento público na projecção de uma ideia enaltecadora do Regime, e consequentemente ligadas ao lançamento e definição de directrizes que se iriam prolongar no tempo.

Da inicial adesão a uma linguagem e depuração Modernista, exemplificada em algumas obras públicas, decorrente sobretudo da vontade experimentalista de alguns arquitectos em relação às novas técnicas e materiais, é visível uma progressiva reacção de compromisso por parte dos arquitectos, englobando a aplicação de signos e de elementos de filiação historicista e vernacular, em muitos casos aliada ao sentido de monumentalidade e de simetria. De facto, a necessidade de instituir uma arquitectura tradutora de valores, e deste modo criar obras com um carácter simbólico, era algo que o modernismo não contemplava, na medida também, que a dignificação exigida era a reflexão de um sistema político fundamentado na história e na tradição e não no progresso. A institucionalização do Estado Novo esteve progressivamente arrolada à instituição de acontecimentos e cerimónias destinados a consolidar a consciência nacional, evocando e recompondo o passado.

O compromisso entre uma arquitectura funcional e uma arquitectura emblemática é perceptível sobretudo na arquitectura dita

representativa, correspondente à arquitectura produzida expressamente para manifestações celebrativas, como foi o caso da participação portuguesa em exposições internacionais, ou nas múltiplas comemorações instituídas ao nível nacional. Contudo, a construção de uma imagem do Estado Novo, passou igualmente, pelas obras de patrocínio ou de intervenção oficial, desde a instituição de equipamentos à intervenção urbanística, decorrente da legislação e execução de planos de urbanização, exemplos importantes, visto que não se tratavam de construções perenes e apesar das limitações programáticas e imposições oficiais, era permitido o realce das intenções do arquitecto.

Se foi ao nível do formalismo e da decoração que os arquitectos encontraram a resposta possível à exaltação da nacionalidade conveniente à promoção de um regime ditatorial, não é possível ler uma única linha de imposição, nem mesmo em situações puramente representativas como a participação em exposições internacionais e nacionais. Desde as primeiras exposições nacionais, à participação em exposições internacionais e finalmente na “Exposição Histórica do Mundo Português”, a constância existente é uma adaptação dos projectos às intenções e às temáticas a enaltecer, e não a determinação de um único vocabulário ou tipologia. No caso dos equipamentos, a necessidade de dotar o país com infra-estruturas, decorreu numa certa repetição projectual, mas também deu oportunidade aos arquitectos de desenvolverem e ilustrarem as suas competências. Observa-se, igualmente, uma disseminação dos mesmos signos e estratégias de dignificação política, transferidos para obras de expressão de prestígio social e económico.

Tem que se atender a que a questão da linguagem e da preocupação com os alçados, nunca deixou de estar associada à introdução autodidacta do modernismo, como necessidade de a legitimar. A adesão ao Movimento Moderno, como processo de renovação, foi marcada pela permanência de uma tendência académica de influência das “beaux-arts”, novamente reavivada na arquitectura de regimes fascistas europeus. Também as primeiras experiências modernistas demonstram, com algumas excepções, a necessidade de se ligarem a “Art Deco” como mecanismo de legitimação de um novo formalismo decorrente dos novos materiais.

A questão da afirmação da identidade nacional, decorrente não só de preocupações políticas mas também culturais, esteve igualmente presente no pensamento dos próprios arquitectos, manifestada no documento da “Representação de 35”, onde é expressa a vontade de criar uma arquitectura simultaneamente moderna e nacional.

Em suma, como imposição oficial, decorrente das estipulações urbanísticas e programáticas, como adesão a modelos mais divulgados ou como conformação de modo a criar uma maior aceitação das obras, a arquitectura contribui indubitavelmente na transmissão e recriação dos valores do Estado Novo, com o desenvolvimento de obras em que as intenções práticas foram aliadas a uma plasticidade evocativa.

BIBLIOGRAFIA

A.A.V.V.; *"Arquitectura do século XX: Portugal"*; Organização Annette Becker, Ana Tostões, Wilfried Wang; Prestel; Portugal-Frankfurt 97, Lisboa ; 1997

A.A.V.V.; *"Arquitectura Moderna Portuguesa 1920-1970"*; Ana Tostões (coordenação); Departamento de Estudos - IPPAR, Lisboa; 2004

A.A.V.V.; *"Cassiano Branco, uma obra para o futuro"*; Edições Asa, Lisboa; 1991

A.A.V.V.; *"Luís Cristino da Silva [Arquitecto]"*; Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa; 1998

A.A.V.V.; *"O Estado Novo: das origens ao fim da autarcia: 1929-1959"* (Colóquio); volumes 1 e 2; Fundação Calouste Gulbenkian; Ed. Fragmentos, Lisboa; 1989

ACCIAIUOLI, Margarida; *"Exposições do Estado Novo: 1934-1940"*; Livros Horizonte, Lisboa; 1998

ACCIAIUOLI, Margarida; *"Os anos 40 em Portugal: o país, o regime e as artes "restauração" e "celebração"*", volume 1; dissertação de doutoramento, Lisboa, FCHS, Universidade Nova de Lisboa; 1991

ALMEIDA, Pedro Vieira de; *"A Arquitectura do Estado Novo"*; Livros Horizonte, Lisboa; 2002

ALMEIDA, Pedro Vieira de; *"A Arquitectura Moderna em Portugal"*, in *História da Arte em Portugal*, volume 14, Edições Alfa, Lisboa; 1986

ALMEIDA, Pedro Vieira de; *"Carlos Ramos"* (Catálogo da Exposição retrospectiva da sua obra); Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa; 1986

BANDEIRINHA, José António Oliveira; *"Quinas Vivas"*; FAUP Publicações, Porto; 2ª Edição; 1996

BENEVOLO, Leonardo; *"Historia de la arquitectura moderna"*; Gustavo Gili, Barcelona; 6ª edição; 1990

- CALDAS, João Vieira; *"Porfirio Pardal Monteiro : Arquitecto"*; A.A.P.- Secção Regional do Sul, Lisboa; 1997
- DGEMN; *"Caminhos do Património: 1926-1999, Direcção-geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais"*, Lisboa; 1999
- FRANÇA, José Augusto; *"A Arte em Portugal no século XX (1911-1961)"*; Livraria Bertrand, Lisboa; 3ª edição; 1991
- FRANÇA, José Augusto; *"A Arte e a sociedade portuguesa no século XX: 1910 a 2000"*; Livros Horizonte, Lisboa; 4ª edição; 2000
- FERNANDES, José Manuel; *"Arquitectura modernista em Portugal: 1890-1940"* ; Gradiva, Lisboa; 1993
- FERNANDES, José Manuel; *"Arquitectura portuguesa, Temas Actuais II"*; Livros Cotovia, Lisboa; 2005
- FERNANDEZ, Sérgio; *"Percurso: Arquitectura Portuguesa 1930-1974"*; FAUP publicações, Porto; 1985
- GUEDES, Fernando; *"António Ferro e a sua política do espírito"*; Lisboa: Academia Portuguesa da História; 1997
- MACHADO, Aquilino; *"Os espaços públicos da exposição do mundo português e da Expo' 98"*; Lisboa; Parque Expo 98; 2006
- PEREIRA, Nuno Teotónio; *"Escritos: 1947-1996, selecção"*; Porto, FAUP; 1996
- PINTO, Paulo Tormenta; *"Cassiano Branco: 1897-1970: arquitectura e artifício"*; Casal de Cambra, Ed. Caleidoscópio, 2007
- PORTAS, Nuno; *"A evolução da Arquitectura Moderna em Portugal, uma interpretação"*, in Zevi, Bruno; "Historia da arquitectura Moderna"; volume 1 e 2; Ed. Arcádia, Lisboa; 1973
- PORTAS, Nuno; *"Arquitectura para hoje"*; Livrarias Horizonte, Lisboa; 1964
- PORTAS, Nuno; *"Arquitectura(s), História e Crítica, Ensino e Profissão"*; publicações FAUP, Porto; 2005

SILVA, Augusto Alves da; *"IST: Instituto Superior Técnico"*; I.S.T., Lisboa; 1994

TOSTÕES, Ana; *"Os verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50"*; publicações FAUP, Porto; 2ª Edição; 1997

TOSTÕES, Ana; *"Arquitectura Portuguesa do século XX"*, in *História da Arte Portuguesa*; PEREIRA, Paulo (direcção); volume III; Círculo de Leitores, Lisboa; 1995

ROSAS, Fernando; *"Nova história de Portugal"*, direcção de Joel Serrão e A.H. Oliveira Marques, *"Portugal e o Estado Novo (1930-1960)"*; Ed. Presença, Lisboa; 1990

ROSAS, Fernando; *"Portugal e o Estado Novo (1930-1960)"*, in *"História de Portugal"*; Matoso, José (coordenação); volume VII; Editorial Estampa, Lisboa; 1993

ROSAS, Fernando; *"Pensamento e Acção Política: Portugal século XX (1890-1976), ensaio histórico"*; Ed. Notícias, Lisboa; 2004

ROSMANINHO, Nuno; *"O Poder e a Arte – O Estado Novo e a Cidade Universitária de Coimbra"*; Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra; 2006

ARTIGOS (EM PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS)

CALADO, Margarida; *"O Estado Novo e as Artes/2 - Arquitectura"* in *ArteOpinião*, n.º14, Março/Abril de 1981; Lisboa; Direcção Pedro Cabrita Reis

Entrevista ao arquitecto Conceição da Silva, in *Arquitectura*, n.º 120, Março/Abril de 1971

Entrevista com o arquitecto F. Keil do Amaral, in *Arquitectura*, n.º 125, Julho/Agosto de 1972

FERNANDES, José Manuel; *"Para o estudo da arquitectura Modernista em Portugal"*, in *Arquitectura*, ano I, 4ª série, n.º 132, Lisboa, Março de 1979

PEREIRA, Nuno Teotónio; FERNANDES, José Manuel; *"A arquitectura do Fascismo em Portugal"*, in *Arquitectura*, ano III, 4ª série, n.º142, Lisboa, Julho de 1981

FRANÇA, José Augusto; *"Arquitectura do Estado Novo 1930-1948"*, (tradução de *"1930-1940 - Le fascisme pur et dur"* in *L'Architecture d'Aujord' hui*", n.º185; Maio/Junho de 1976) in *Arquitectura*, ano III, 4ª série, n.º142, Lisboa, Julho de 1981

FERNANDES, José Manuel; *"Arquitectura dos anos 50 em Lisboa"*, in *Arquitectura*, ano V, n.º 148, Janeiro/Fevereiro de 1983

PEDREIRINHO, José Manuel; *"Arquitectura e o Fascismo em Portugal"*, in *História* n.º 9, de Julho de 1979

BARREIRA, Cecília; *"A ascensão de Portugal"*, in *História* n.º 31, Maio de 1981

PEDREIRINHO, José Manuel; *"A arquitectura portuguesa do Fascismo ao Estado Novo"*, in *História* n.º 45, 46, 47, 48, de Julho, Agosto, Setembro e Outubro de 1982

PROVAS ACADÉMICAS

BENEDITO, Sílvia; *"Expressão Fascista: Coimbra"*; Coimbra: [s.n.], 1999; Prova Final de Licenciatura apresentada ao Departamento de Arquitectura da F.C.T. da Universidade de Coimbra, 1998

COSTA, Maria Helena; *"Os edifícios dos correios do Estado Novo - um compromisso: o modernismo de Adelino Nunes/ culturismo de Raul Lino "*; Coimbra: [s.n.], 2001, Prova Final de Licenciatura apresentada ao Departamento de Arquitectura da F.C.T. da Universidade de Coimbra, 2001

MAIO, Mário Branco Andrade; *"Redes de Equipamentos do Estado Novo"*, Coimbra: [s.n.], 2006, Prova Final de Licenciatura apresentada ao Departamento de Arquitectura da F.C.T. da Universidade de Coimbra, 2006

MANSO, Pedro Miguel Ramos Brites; *"Cassiano Branco, 1830"*; Coimbra: [s.n.], 2000; Prova Final de Licenciatura apresentada ao Departamento de Arquitectura da F.C.T. da Universidade de Coimbra, 2000

PAULO, Carla Beatriz; *"Estado Novo"*; Coimbra: [s.n.], 2000, Prova Final de Licenciatura apresentada ao Departamento de Arquitectura da F.C.T. da Universidade de Coimbra, 2000

OLIVEIRA, Fernando Manuel Cortes Lisboa; *"Arquitecturas do Porto – Uma Análise Historiográfica"*; Relatório de Estágio, FAUP; 1989

SÍTIOS DA INTERNET

BANDEIRINHA, José António Oliveira; *"Cem anos da arquitectura no Centro de Portugal"*:

http://80.251.166.147/Uploads/DefaultSite/5IAPXX_Centro.pdf

Moniz, Gonçalo Canto; *"Arquitectos e Políticos. A arquitectura institucional em Portugal nos anos 30"*:

<http://velho.alvaro.googlepages.com/arquitectosepoliticos.pdf>

PEREIRA, Nuno Teotónio; Buarque, Irene; *"Prédios e Vilas de Lisboa"*

<http://www-ext.lnec.pt/LNEC/DED/ /vilas/6/p-vilas6.html>

FONTES, Carlos; *"A Matriz de António Ferro"*:

<http://acultura.no.sapo.pt/page8Matriz.html>

FONTE DAS IMAGENS

- FIG. 1: "1936-1939: Salazar, retaguarda de Franco", volume 4 in Colecção Expresso: "Os anos de Salazar – O que se contava e o que se ocultava durante o Estado Novo"; Editor- Coordenador: António Simões do Paço, Centro Editor PDA; 2008; p.39.....p.7
- FIG. 2: TIETZ, Jürgen; "História da Arquitectura do Século XX"; Ed. Könemann, Colónia;1998 p.36.....p.8
- FIG. 3: BABORSKY, Matteo Siro; "XX Siglo Arquitectura"; Ed. Electa; Milán; 2000; p.218.....p.8
- FIG. 4: BABORSKY, Matteo Siro; "XX Siglo Arquitectura"; Ed. Electa; Milán; 2000; p.53..... p.9
- FIG. 5: GYMPEL; Jan; "História da Arquitectura da Antiguidade aos Nossos Dias";Ed. Könemann; Colónia; 1996; p.93.....p.9
- FIG. 6: "1926-1932: A Ascensão de Salazar", volume 1 in Colecção Expresso: "Os anos de Salazar – O que se contava e o que se ocultava durante o Estado Novo"; Editor- Coordenador: António Simões do Paço, Centro Editor PDA; 2008; p.34.....p.13
- FIG. 7: A.A.V.V.; "Arquitectura Moderna Portuguesa 1920-1970"; Ana Tostões (coordenação); Departamento de Estudos - IPPAR, Lisboa; 2004; p.290.....p.17
- FIG. 8: ALMEIDA, Pedro Vieira de; "A Arquitectura Moderna em Portugal", in História da Arte em Portugal, volume 14, Edições Alfa, Lisboa; 1986; p.39.....p.17
- FIG. 9: ALMEIDA, Pedro Vieira de; "A Arquitectura Moderna em Portugal", in História da Arte em Portugal, volume 14, Edições Alfa, Lisboa; 1986; p.22.....p.18
- FIG. 10: Idem; p.22.....p.18
- FIG. 11: Idem, ibidem; p.23.....p.19
- FIG. 12: A.A.V.V.; "Arquitectura Moderna Portuguesa 1920-1970"; Ana Tostões (coordenação); Departamento de Estudos - IPPAR, Lisboa; 2004; p.106.....p.20
- FIG. 13: ALMEIDA, Pedro Vieira de; "A Arquitectura Moderna em Portugal", in História da Arte em Portugal, volume 14, Edições Alfa, Lisboa; 1986; p.68.....p.20

FIG. 14: A.A.V.V.; <i>"Arquitectura Moderna Portuguesa 1920-1970"</i> ; Ana Tostões (coordenação); Departamento de Estudos - IPPAR, Lisboa; 2004; p.71.....	p.21
FIG. 15: Idem, p.106.....	p.22
FIG. 16: <i>"1926-1932: A Ascensão de Salazar"</i> , volume 1 in Coleção Expresso: <i>"Os anos de Salazar – O que se contava e o que se ocultava durante o Estado Novo"</i> ; Editor- Coordenador: António Simões do Paço, Centro Editor PDA; 2008; p.13.....	p.22
FIG. 17: A.A.V.V.; <i>"Arquitectura Moderna Portuguesa 1920-1970"</i> ; Ana Tostões (coordenação); Departamento de Estudos - IPPAR, Lisboa; 2004; p.41.....	p.22
FIG. 18: Idem; p.42.....	p.22
FIG. 19: ACCIAIUOLI, Margarida; <i>"Exposições do Estado Novo: 1934-1940"</i> ; Livros Horizonte, Lisboa; 1998; p. 18.....	p.23
FIG. 20: Idem; p. 21.....	p.23
FIG. 21: Idem, ibidem; p.21.....	p.24
FIG. 22: Idem, ibidem; p.22.....	p.24
FIG. 23: ALMEIDA, Pedro Vieira de; <i>"A Arquitectura Moderna em Portugal"</i> , in História da Arte em Portugal, volume 14, Edições Alfa, Lisboa; 1986; p.122.....	p.26
FIG. 24: <i>"1936-1939: Salazar, retaguarda de Franco"</i> , volume 4 in Coleção Expresso: <i>"Os anos de Salazar – O que se contava e o que se ocultava durante o Estado Novo"</i> ; Editor- Coordenador: António Simões do Paço, Centro Editor PDA; 2008; p.11.....	p.27
FIG. 25: ACCIAIUOLI, Margarida; <i>"Exposições do Estado Novo: 1934-1940"</i> ; Livros Horizonte, Lisboa; 1998; p. 131.....	p.28
FIG. 26: CALDAS, João Vieira; <i>"Porfírio Pardal Monteiro : Architecto"</i> ; A.A.P.- Secção Regional do Sul, Lisboa; 1997; p.88.....	p.29
FIG. 27: <i>"1926-1932: A Ascensão de Salazar"</i> , volume 1 in Coleção Expresso: <i>"Os anos de Salazar – O que se contava e o que se ocultava durante o Estado Novo"</i> ; Editor- Coordenador: António Simões do Paço, Centro Editor PDA; 2008; p.79.....	p.35
FIG. 28: Idem; p.81.....	p.36

FIG. 29: "1933: A Constituição do Estado Novo", volume 2 in Colecção Expresso: "Os anos de Salazar – O que se contava e o que se ocultava durante o Estado Novo"; Editor- Coordenador: António Simões do Paço, Centro Editor PDA; 2008; p.173.....	p.37
FIG. 30: "1934-1935: O fracasso da Greve Geral de 18 de Janeiro de 1934", volume 3 in Colecção Expresso: "Os anos de Salazar – O que se contava e o que se ocultava durante o Estado Novo"; Editor- Coordenador: António Simões do Paço, Centro Editor PDA; 2008; p.179.....	p.39
Fig. 31: ALMEIDA, Pedro Vieira de; "A Arqitectura Moderna em Portugal", in História da Arte em Portugal, volume 14, Edições Alfa, Lisboa; 1986; p.123.....	p.40
Fig. 32: CALDAS, João Vieira; "Porfírio Pardal Monteiro : Arquitecto"; A.A.P.- Secção Regional do Sul, Lisboa; 1997; p.42.....	p.40
FIG. 33: FRANÇA, José Augusto; "A Arte em Portugal no século XX (1911-1961)"; Livraria Bertrand, Lisboa; 3ª edição; 1991; p.244.....	p.41
FIG. 34: Fotografia da autora (Setembro de 2008)	p.41
FIG. 35: "1934-1935: O fracasso da Greve Geral de 18 de Janeiro de 1934" volume 3 in Colecção Expresso: "Os anos de Salazar – O que se contava e o que se ocultava durante o Estado Novo"; Editor- Coordenador: António Simões do Paço, Centro Editor PDA; 2008;p.184.....	p.42
FIG. 36: ALMEIDA, Pedro Vieira de; "A Arqitectura Moderna em Portugal", in História da Arte em Portugal, volume 14, Edições Alfa, Lisboa; 1986; p.14.....	p.43
FIG. 37: Idem; p.15.....	p.43
FIG. 38: Idem, ibidem; p.84.....	p.44
FIG. 39: Idem, ibidem; p.83.....	p.44
FIG. 40: A.A.V.V.; "Arquitectura Moderna Portuguesa 1920-1970"; Ana Tostões (coordenação); Departamento de Estudos - IPPAR, Lisboa; 2004; p.291.....	p.45
FIG. 41: Idem; p.291.....	p.45
FIG. 42: Idem, ibidem; p.291.....	p.45

FIG. 43: A.A.V.V.; <i>"Arquitectura Moderna Portuguesa 1920-1970"</i> ; Ana Tostões (coordenação); Departamento de Estudos - IPPAR, Lisboa; 2004; p.178.....	p.45
FIG. 44: ALMEIDA, Pedro Vieira de; <i>"A Arquitectura Moderna em Portugal"</i> , in <i>História da Arte em Portugal</i> , volume 14, Edições Alfa, Lisboa; 1986; p.123.....	p.46
FIG. 45: ALMEIDA, Pedro Vieira de; <i>"Carlos Ramos"</i> (Catálogo da Exposição retrospectiva da sua obra); Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa; 1986	p.49
FIG. 46: Idem.....	p.49
FIG. 47: http://blogdaruanove.blogs.sapo.pt/335675.html	p.49
FIG. 48: http://postaisilustrados.blogspot.com/	p.49
FIG. 49: ACCIAIUOLI, Margarida; <i>"Exposições do Estado Novo: 1934-1940"</i> , Livros Horizonte, Lisboa; 1998; p.49.....	p.50
FIG. 50: Idem; p.48.....	p.50
FIG. 51: Idem, ibidem; p.86.....	p.51
FIG. 52: Idem, ibidem; p.87.....	p.51
FIG. 53: Idem, ibidem; p.88.....	p.52
FIG. 54: Idem, ibidem; p.95.....	p.52
FIG. 55: Fotografia da autora (Setembro de 2008)	p.53
FIG. 56: CALDAS, João Vieira; <i>"Porfirio Pardal Monteiro : Architecto"</i> ; A.A.P.- Secção Regional do Sul, Lisboa; 1997; p.46.....	p.53
FIG. 57: Fotografia da autora (Setembro de 2008)	p.53
FIG. 58: Fotografia da autora (Setembro de 2008)	p.54
FIG. 59: Fotografia da autora (Setembro de 2008)	p.54

FIG. 60: Fotografia da autora (Setembro de 2008)	p.54
FIG. 61: Fotografia da autora (Setembro de 2008)	p.55
FIG. 62: Fotografia da autora (Setembro de 2008)	p.55
FIG. 63: CALDAS, João Vieira; <i>"Porfírio Pardal Monteiro : Arquitecto"</i> ; A.A.P.- Secção Regional do Sul, Lisboa; 1997; p.47.....	p.55
FIG. 64: ALMEIDA, Pedro Vieira de; <i>"A Arquitectura Moderna em Portugal"</i> , in <i>História da Arte em Portugal</i> , volume 14, Edições Alfa, Lisboa; 1986; p.116.....	p.57
FIG. 65: Fotografia da autora (Setembro de 2008)	p.57
FIG. 66: A.A.V.V.; <i>"Luís Cristino da Silva [Arquitecto]"</i> ; Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa; 1998; p.77.....	p.58
FIG. 67: Idem; p.176.....	p.58
FIG. 68: Idem, ibidem; p.77.....	p.58
FIG. 69: Idem, ibidem; p.74.....	p.58
FIG. 70: Fotografia da autora (Setembro de 2008)	p.59
FIG. 71: A.A.V.V.; <i>"Luís Cristino da Silva [Arquitecto]"</i> ; Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa; 1998; p.76.....	p.59
FIG. 72: Idem; p.76.....	p.59
FIG. 73: Idem, ibidem; p.76.....	p.59
FIG. 74: Fotografia da autora (Setembro de 2008)	p.60
FIG. 75: Fotografia da autora (Setembro de 2008)	p.60
FIG. 76: Fotografia da autora (Setembro de 2008)	p.60

FIG. 77: ALMEIDA, Pedro Vieira de; <i>"A Arquitectura Moderna em Portugal"</i> , in História da Arte em Portugal, volume 14, Edições Alfa, Lisboa; 1986; p.126.....	p.61
FIG. 78: CALDAS, João Vieira; <i>"Porfírio Pardal Monteiro : Arquitecto"</i> ; A.A.P.- Secção Regional do Sul, Lisboa; 1997; p.53.....	p.61
FIG. 79: Idem; p.52.....	p.61
FIG. 80: Idem, ibidem; p.53.....	p.62
FIG. 81: Idem, ibidem; p.53.....	p.62
FIG. 82: ALMEIDA, Pedro Vieira de; <i>"A Arquitectura Moderna em Portugal"</i> , in História da Arte em Portugal, volume 14, Edições Alfa, Lisboa; 1986; p.127.....	p.62
FIG. 83: ALMEIDA, Pedro Vieira de; <i>"Carlos Ramos"</i> (Catálogo da Exposição retrospectiva da sua obra); Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa; 1986.....	p.63
FIG. 84: Idem.....	p.63
FIG. 85: ALMEIDA, Pedro Vieira de; <i>"A Arquitectura Moderna em Portugal"</i> , in História da Arte em Portugal, volume 14, Edições Alfa, Lisboa; 1986; p.127.....	p.63
FIG. 86: Idem; p.127.....	p.64
FIG. 87: Fotografia da autora (Setembro de 2008)	p.64
FIG. 88: ACCIAIUOLI, Margarida; <i>"Exposições do Estado Novo: 1934-1940"</i> ; Livros Horizonte, Lisboa; 1998; p.118.....	p.65
FIG. 89: A.A.V.V.; <i>"Luis Cristino da Silva [Arquitecto]"</i> ; Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa; 1998; p. 91.....	p.65
FIG. 90: ACCIAIUOLI, Margarida; <i>"Exposições do Estado Novo: 1934-1940"</i> ; Livros Horizonte, Lisboa; 1998; p.130.....	p.65
FIG. 91: Idem; p.141.....	p.66
FIG. 92: Idem, ibidem, p.141.....	p.66

FIG. 93: Fotografia da autora (Setembro de 2008)	p.66
FIG. 94: ACCIAIUOLI, Margarida; <i>"Exposições do Estado Novo: 1934-1940"</i> ; Livros Horizonte, Lisboa; 1998; p.153.....	p.66
FIG. 95: MACHADO, Aquilino; <i>"Os espaços públicos da exposição do mundo português e da Expo' 98"</i> ; Lisboa; Parque Expo 98, D. L. 2006; p.77.....	p.66
FIG. 96: ACCIAIUOLI, Margarida; <i>"Exposições do Estado Novo: 1934-1940"</i> ; Livros Horizonte, Lisboa; 1998; p.119.....	p.67
FIG. 97: <i>"1940-1942: A Grande Exposição do Mundo Português"</i> , volume 5 in Colecção Expresso: <i>"Os anos de Salazar – O que se contava e o que se ocultava durante o Estado Novo"</i> ; Editor- Coordenador: António Simões do Paço, Centro Editor PDA; 2008; p.6.....	p.67
FIG. 98: MACHADO, Aquilino; <i>"Os espaços públicos da exposição do mundo português e da Expo' 98"</i> ; Lisboa; Parque Expo 98, D. L. 2006; p.78.....	p.67
FIG. 99: ACCIAIUOLI, Margarida; <i>"Exposições do Estado Novo: 1934-1940"</i> ; Livros Horizonte, Lisboa; 1998; p.175.....	p.68
FIG. 100: ALMEIDA, Pedro Vieira de; <i>"A Arquitectura Moderna em Portugal"</i> , in História da Arte em Portugal, volume 14, Edições Alfa, Lisboa; 1986; p.89.....	p.68
FIG. 101: ACCIAIUOLI, Margarida; <i>"Exposições do Estado Novo: 1934-1940"</i> ; Livros Horizonte, Lisboa; 1998; p.160.....	p.68
FIG. 102: <i>"1940-1942: A Grande Exposição do Mundo Português"</i> , volume 5 in Colecção Expresso: <i>"Os anos de Salazar – O que se contava e o que se ocultava durante o Estado Novo"</i> ; Editor- Coordenador: António Simões do Paço, Centro Editor PDA; 2008; contra-capas.....	p.69

AGRADECIMENTOS

No decorrer da elaboração da minha Prova Final, tive a sorte de contar com o apoio fundamental dos meus pais e da minha família, que sempre me transmitiram toda a sua compreensão e me desculparam as ausências.

O auxílio dos amigos, nas pequenas e grandes coisas, não poderia deixar de ser referido, em particular da minha colega de casa, pela paciência, pela ajuda e pela sinceridade em relação às minhas fraquezas linguísticas e ortográficas, como só uma verdadeira amiga poderia ser.

Quero agradecer ainda ao meu namorado pela companhia, pela compreensão e por me incentivar todos os dias, surpreendendo-me na sua capacidade de estar ao meu lado sempre.

E finalmente ao Prof. Arquitecto Domingos Tavares pelos orientação, esclarecimentos e disponibilidade na elaboração desta última etapa da minha formação académica.